

A FORMAÇÃO CONTINUADA CULTURA DIGIDOWN E A CONSTRUÇÃO DOS SABERES SOBRE A SEXUALIDADE DAS PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN

THE “DIGIDOWN CULTURE” CONTINUED FORMATION AND THE CONSTRUCTION OF KNOWLEDGE ON THE SEXUALITY OF PEOPLE WITH DOWN SYNDROME

Daniella Borges Vieira

Graduanda em Pedagogia pela Faculdade de Educação (FE) da Universidade Federal de Goiás
Federal de Goiás
dany_bvieira@hotmail.com

Ana Flávia Teodoro de Mendonça Oliveira

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco, Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (UFG)
anaflavia_teodoro@gmail.com

Vanessa Helena Santana Dalla Déa

Doutora em Educação Física pela Unicamp-Campinas/SP, Professora da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás (UFG)
vanessaaquatica@gmail.com

Resumo: A pesquisa teve por objetivo analisar os impactos da formação continuada “Cultura Digidown” sobre a construção de saberes a respeito da sexualidade dos sujeitos com Síndrome de Down. O curso foi promovido pelo Laboratório de Educação, Tecnologia e Inclusão (UFG), em parceria com o Núcleo de Acessibilidade (UFG), buscando promover a formação continuada de professores e fornecer condições para que esses profissionais reflitam sobre a inclusão e a sexualidade dos alunos com Síndrome de Down. Para avaliar a percepção dos professores, utilizamos como técnica de coleta de dados o questionário, e os dados foram analisados através da técnica de análise de conteúdo de Bardin (1977). Conclui-se que o curso contribuiu para desconstruir muitos estereótipos, para desestabilizar as certezas a respeito da sexualidade das pessoas com deficiência e para problematizar a importância do envolvimento dos professores no sentido de promover a educação sexual dos estudantes com Síndrome de Down.

Palavras-chave: Sexualidade, Formação de Professores, Síndrome de Down.

Abstract: The research aimed at analyzing the impacts of the continued formation "Digidown Culture" on the construction of knowledge about sexuality of people with Down Syndrome. The course was carried out by the Laboratory of Education, Technology and Inclusion (UFG), in partnership with the Accessibility Center (UFG), seeking to promote the continued formation of teachers and provide conditions for these professionals to reflect on the inclusion and on the sexuality of students with Down Syndrome. The data was collected through a questionnaire and subsequently analyzed based on Bardin (1977) content analysis technique. It was concluded that the course contributed to the deconstruction of many stereotypes, and also to destabilize convictions about the sexuality of people with disabilities as well as to problematize the importance of the engagement of teachers in the promotion of the sexual education of students with Down syndrome.

Key- words: Sexuality, Teacher Training, Down Syndrome.

Introdução

A evidência da sexualidade na mídia, nas músicas, nos programas de TV e nos múltiplos espaços, evidenciam que o direito a exercer a sexualidade pertence a um grupo restrito, grupo esse que deve se encaixar dentro dos padrões de normalidade impostos pela sociedade e pela cultura. Nesse sentido, as coisas se complicam para aqueles que possuem alguma deficiência, para aqueles que não se adequam aos critérios estéticos ou aos critérios de beleza, força e vitalidade tão valorizados na nossa cultura. Para esse grupo, marcados como figuras que se desviam do esperado, acredita-se que as questões da sexualidade não devem ser tratadas, sequer devem ser pensadas, pois parece sempre muito subversivo falar de sexualidade para aqueles considerados significativamente diferentes em relação aos seus corpos ou suas mentes.

Obviamente só podemos compreender as atitudes em relação ao corpo e à sexualidade das pessoas com deficiência, se compreendermos que a mesma se constrói mediante as relações de poder. Desse modo, parece haver sempre uma relação desigual, marcada pelo poder colonial dos ditos “normais” sobre aqueles que têm alguma deficiência. Nesse sentido, concordamos com Bhabha (1998, p.111) quando afirma que o discurso colonial exerce uma forma de “governamentalidade que, ao delimitar uma nação sujeita, apropria, dirige e domina suas várias esferas de atividade”.

Todas essas questões obriga-nos a refletir sobre como a sexualidade da pessoa com deficiência tem sido tratada por seus professores na escola inclusiva. Sobre isso, Prioste (2006), salienta que o comportamento sexual das pessoas com deficiência intelectual constitui um dos principais temores dos professores ao realizar a inclusão nas classes regulares. Para a autora esse temor decorre tanto de mitos socialmente construídos, quanto do despreparo da escola para fazer a inclusão.

Nesse contexto, a pesquisa de Dall’Alba (1991) também evidencia que os professores relatam dificuldades para decidir sobre como agir diante das manifestações sexuais das pessoas com deficiência. A autora destaca que os professores muitas vezes não sabem o que fazer, sendo que “algumas vezes impedem e outras vezes permitem a manifestação sexual, qualificando muitas de suas ações como impulsivas” (p.49)

Sobre isso, Maia (2001) salienta que no contexto educacional, os educadores não sabem como lidar com as manifestações diversas da sexualidade, como masturbação, exibicionismo, namoros e brincadeiras sexuais e acabam generalizando as questões referentes à sexualidade e à deficiência, compreendendo uma como causa da outra. Diante disso, a autora sublinha que os professores “ora acabam reproduzindo as crenças e atitudes da família; quando há iniciativas de orientação elas, em geral, restringem-se a noções da sexualidade genitalizadas, esquecendo-se dos aspectos psicossociais, das relações afetivas num contexto social mais amplo” (MAIA, 2001, p.41).

Pinheiro(2004), afirma a necessidade de implantação de programas de educação sexual e de formação adequada para profissionais que lhe capacitarão para orientar a família e valorizar os reais conhecimentos, experiências, sentimentos/ atitudes e necessidades das pessoas com deficiências intelectual e/ou Síndrome de Down frente a sua sexualidade.

Diante desse contexto e considerando os princípios de uma educação inclusiva, acreditamos ser imprescindível incluir nos programas de formação inicial e continuada temáticas referentes a sexualidade das pessoas com deficiência, particularmente em relação a deficiência intelectual, uma vez que existem muitos mitos e estereótipos a respeito da sexualidade desses sujeitos. Entendemos que esses mitos e estereótipos acabam por se tornarem um entrave para que o professor possa fazer a inclusão desses

sujeitos na sala de aula regular. Além disso, o despreparo do professor para lidar com essas questões, os impossibilita de oferecer uma educação sexual aos seus alunos com deficiência.

Diante dessa realidade e tendo em vista as dificuldades do professor em relação a inclusão dos alunos com Síndrome de Down, aliado ao crescente número de alunos com essa síndrome ingressando no ensino regular, o LABIN – Laboratório de Educação, Tecnologia e Inclusão da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (UFG), em parceria com o Núcleo de Acessibilidade (UFG) promoveu o curso de formação continuada Cultura Digidown.

O curso ocorreu em 15 encontros semanais, de 180 minutos de duração, sendo estruturado em duas partes: (a) parte teórica abordando temáticas referentes a inclusão dos alunos com síndrome de Down, dentre essa temáticas destaca-se as referentes a sexualidade desses sujeitos; (b) vivências dos professores com alunos com Síndrome de Down utilizando softwares de alfabetização. O objetivo do curso foi promover a formação de professores das redes públicas (municipais e estaduais) e da rede privada, criando condições para que esses profissionais pudessem refletir acerca da inclusão dos alunos com Síndrome de Down.

Dessa forma, considerando as pesquisas citadas anteriormente, que apontam para a dificuldade do professor em lidar com a sexualidade do aluno com deficiência, uma das temáticas trabalhadas no curso de formação continuada foi a questão da sexualidade das pessoas com deficiência intelectual, sendo assim, foram selecionados alguns tópicos que consideramos importantes para o debate: Desconstruindo estereótipos e mitos para minimizar o preconceito em relação a sexualidade das pessoas com Síndrome de Down; O namoro e a possibilidade das pessoas com Síndrome de Down vivenciar relações afetivas; O casamento e a paternidade/maternidade de pessoas com

deficiência intelectual; Apresentação de um programa de educação sexual para pessoas com deficiência intelectual (tabela 1).

Diante disso, a proposta de trazer como temática a sexualidade da pessoa com Síndrome de Down, no curso de formação continuada “Cultura Digidown”, foi a de tentar desmistificar e desconstruir muitos mitos e estereótipos a respeito da sexualidade desses sujeitos, além de possibilitar uma formação que permita ao professor tratar dessas questões com os seus alunos com deficiência incluídos na sala de aula regular. Sendo assim, a nossa pesquisa tem por objetivo analisar os impactos da formação continuada “Cultura digidown” sobre a construção de saberes a respeito da sexualidade dos estudantes com Síndrome de Down

Acreditamos que esse trabalho de pesquisa é relevante uma vez que procura desvelar as concepções dos professores acerca da sexualidade da pessoa com síndrome de Down. Sobre isso, Maia (2001) salienta que:

Conhecer e compreender a postura dos educadores frente à manifestação da sexualidade das pessoas deficientes seria um caminho promissor na busca de posturas educacionais voltadas para a elaboração e a implementação de possíveis programas de orientação sexual voltadas à população especial. (p.36)

Ademais, ao evidenciar os impactos da formação continuada sobre a construção dos saberes a respeito da sexualidade, poderemos contribuir para os debates e reflexões acerca de programas de educação sexual nos cursos de formação continuada de professores para educação inclusiva.

1. Metodologia

Considerando que o objeto de nossa investigação é “a percepção dos professores sobre a sexualidade de alunos com Síndrome de Down e os impactos da formação continuada sobre essas concepções”, nos aproximamos da abordagem de pesquisa qualitativa, o que se justifica pela própria especificidade do nosso objeto e não por uma opção pessoal. Como afirma Minayo (1999), a polêmica quantitativo versus qualitativo não pode ser assumida simplesmente como uma opção pessoal do cientista ao abordar a realidade, mas como um caráter específico do objeto de conhecimento, ou seja, o ser humano e a sociedade, que se recusa a se revelar apenas em números ou a se igualar com sua própria aparência.

Cabe esclarecer que se trata de um recorte de um estudo maior, o qual objetivou avaliar o curso de formação continuada “cultura digidown” para professores da rede estadual, municipal e particular de ensino, no que diz respeito a construção de saberes sobre a inclusão da pessoa com Síndrome de Down. Esse manuscrito retrata, especificamente a primeira etapa da pesquisa, em que foram abordadas diferentes temáticas acerca da inclusão das pessoas com síndrome de Down, dentre elas destacam-se os saberes a respeito da sexualidade das pessoas com deficiência intelectual.

2. Participantes

Participaram da pesquisa 40 professores, pertencentes a rede estadual, municipal e privada de ensino do estado de Goiás. Os professores selecionados foram todos aqueles que participaram do curso “Cultura Digidown” realizado na Universidade Federal de Goiás (UFG).

3. Local da Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada no LABIN – Laboratório de Estudos e Pesquisa em Educação, Tecnologia e Inclusão, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (UFG), onde foi realizada o curso “Cultura Digidown”.

4. Aspectos Éticos

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa com seres humanos da Universidade Federal de Goiás, com base no parecer número 1.919.485. Os professores receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para sua participação e as informações acerca dos objetivos da pesquisa. Foi assegurado o sigilo da identidade dos participantes e os mesmos tiveram total autonomia em relação a sua participação no estudo.

5. Procedimentos de Coleta de dados

Em relação ao procedimento de coleta de dados utilizamos o questionário, que ficou disponível na página do LABIN (Laboratório de Estudos e Pesquisa em Educação, Tecnologia e Inclusão) na internet. Sendo assim, os professores participantes responderam a um questionário constituído por questões fechadas e por 9 questões abertas, que contemplavam dados iniciais como idade, gênero, formação profissional do docente (graduação e pós-graduação), além de nos permitir saber se o mesmo havia feito capacitação na área de educação especial e a função exercida pelo mesmo na área

de ensino. Ademais, os professores responderam questões sobre as dificuldades encontradas na sala de aula com os alunos com Síndrome de Down; sobre se o curso de formação continuada “cultura digidown” contribuiu para quebrar alguma estereótipo em relação as pessoas com Síndrome de Down; sobre os impactos do curso em relação aos conhecimentos sobre a sexualidade das pessoas com Síndrome de Down.

6. Procedimento de análise dos dados

Os dados referentes às informações pessoais foram tabulados, e os demais foram organizados, analisados e discutidos a partir da análise de Conteúdo em Bardin (1977) e foram seguidos os seguintes passos: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. Na fase da pré-análise foram formuladas e visando à organização dos dados, os indicadores foram elaborados. Dessa forma, fez-se uma leitura fluente de todos os questionários para conhecimento das respostas dos professores. Num segundo momento, realizado a exploração do material, foram realizadas leituras exaustivas de todas as respostas do questionário para que, finalmente, pudesse ser proposto o tratamento e interpretação dos dados encontrados.

7. Resultados e discussão

Após o tratamento dos resultados, algumas categorias foram identificadas nas falas das professoras, tais como: pessoas com Síndrome de Down possuem sexualidade exacerbada; pessoas com síndrome de Down são infantis; as pessoas com síndrome de Down podem se relacionar amorosamente e ter uma vida normal; a maternidade na síndrome de Down; a necessidade de orientação sexual para pessoas com Síndrome de

Down; o despreparo do professor para lidar com a sexualidade das pessoas com Síndrome de Down.

8. Pessoas com Síndrome de Down possuem sexualidade exacerbada

Os dados da pesquisa revelam que os professores tem a crença de que as pessoas com Síndrome de Down são hipersexualizadas ou que possuem uma sexualidade exacerbada. No entanto, os docentes destacaram que os saberes construídos no curso possibilitaram a desconstrução desses estereótipos e além disso levou-os a quebrar barreiras atitudinais e repensar a forma como esses sujeitos são tratados na nossa sociedade.

P20 – Pensando nisso, com as discussões feitas, foi possível quebrar as chamadas barreiras atitudinais, preconceitos e estereótipos que são colocadas em relação as pessoas com deficiência. Por isso, me sinto bem em desconstruir certos estereótipos como não colocar uma visão de que pessoas com Down são hipersexualizadas, assexuadas ou que não tem capacidades intelectuais. Tudo isso me levou a repensar a forma como trato as pessoas com deficiências.

P26 – Por fim, outro ponto importante que foi mudado, que foi desconstruído foi a questão da sexualidade, pois sempre ouvi falar que eles tinham uma sexualidade exacerbada e hoje pude ver melhor o quanto isso é mais um estereótipo, pois todos nascem com as mesmas capacidades de ser.

Em consonância com Maia e Ribeiro (2010), acreditamos que a crença dos professores em relação a sexualidade exacerbada das pessoas com Síndrome de Down “tem

mais a ver com a expressão pública de comportamentos sexuais do que com a frequência com que eles ocorrem, principalmente entre aqueles com deficiência intelectual” (p.165-166).

Além disso, a vivência no curso fez a professora perceber que a pessoa com deficiência pode manifestar a sexualidade de uma maneira grosseira por não receber orientações em relação a sexualidade ou por não lhe ser ensinados os limites sociais.

P18 – Acredito que após esta aula muitos preconceitos e barreiras atitudinais foram rompidos, principalmente em relação a sexualidade. Sempre acreditei que pessoas com síndrome de Down possuíam uma sexualidade exacerbada, principalmente pelo fato de conviver com um jovem com essas características e hoje descobri que isso apenas acontece, pois não foi ensinado os devidos limites. É preciso trabalhar com a Educação sexual para que eles possam entender a sua própria sexualidade.

Dessa forma, percebemos que o curso possibilitou ao professores compreender que na verdade as pessoas com deficiência intelectual não possuem uma sexualidade exacerbada, mas que o que falta é informação e educação sexual. Sobre isso, Maia (2014, p.60) salienta que:

[...] os comportamentos julgados como inadequados e aberrantes que ocorrem mais por falta de educação sexual do que pela deficiência, reforçam a ideia inadequada de que a sexualidade das pessoas com deficiência intelectual seria algo “exagerado”.

Consideramos que os saberes construídos no curso foram relevantes, pois o entendimento equivocado de que os alunos com Síndrome de Down teriam uma sexualidade exacerbada, pode produzir nos professores o medo ou receio de trabalhar com esses estudantes na sala de aula regular.

8.1. As pessoas com Síndrome de Down são infantis

Os dados indicam que na concepção dos professores acerca da sexualidade das pessoas com deficiência é carregada de mitos e estereótipos. Dentre esses estereótipos, encontra-se a percepção de que as pessoas com Síndrome de Down são sempre infantis e que serão sempre dependentes das pessoas ditas “normais”. Ademais, evidenciam que desconheciam que esses sujeitos possuíam uma sexualidade normal, no entanto, salientam que a partir dos vídeos utilizados no curso, conseguiram rever os seus preconceitos.

P21 – Gostei de aprender a respeito da sexualidade, da infantilidade da criança ou adulto com Síndrome de Down. Porque sempre via essa criança ou adulta como bebês. A questão da sexualidade também não tinha conhecimento de que é normal. Como a questão do casamento.

P30 – Apesar de já ter tido acesso a discussão da sexualidade da pessoa com deficiência, a aula de hoje ainda me fez rever os meus preconceitos ao conhecer as histórias de Cíntia, Izabel e Breno. Conceber a pessoa com deficiência intelectual como plena, vivendo uma vida cotidiana, passando por todas as fases da infância a velhice quebra minha visão. Tinha a tendência de enxergá-los como eternamente dependentes e confesso um pouco infantis. Para mim essa tarefa é fundamental para que eu possa ser

uma professora que ensine plenamente, que apesar de adaptar os métodos de ensino, não minimize minha expectativa quanto as possibilidades de aprendizagem da pessoa com Síndrome de Down.

Dessa forma, o discurso dos professores evidenciou o entendimento de que as pessoas com Síndrome de Down seriam sujeitos desprovido de sexualidade, reforçando um estereótipo, ou o mito, de que essas pessoas são assexuadas. Em relação a esse estereótipo, Pínel (1999, p.310) salienta que:

[...] Um dos mitos mais comuns é pensar que as pessoas deficientes são assexuadas. Esta ideia geralmente surge a partir de uma combinação entre a limitada definição de sexualidade e a noção de que o deficiente é neutro, não tem as mesmas necessidades, desejos e capacidades do não-deficiente.

Sendo assim, a crença de que a pessoa com Síndrome de Down não possui sexualidade ou não possui desejo sexual faz com que esses sujeitos sejam vistos como eternas crianças. Contudo, “ao considerar a pessoa com deficiência como alguém não dotado de sexualidade, negligenciam-se os cuidados contra situações de abuso e se omitem a essas pessoas o direito de acesso à orientação/educação sexual” (MAIA e RIBEIRO, 2010, p.3).

8.2. As pessoas com Síndrome de Down podem se relacionar amorosamente e ter uma “vida normal”

Ao falar a respeito da pessoa com Síndrome de Down, percebe-se que o curso “cultura digidown” contribuiu para mudança de representações em relação a esses sujeitos, subvertendo e desestabilizando as certezas em relação à sexualidade e a vida das

peças com Síndrome de Down. No discurso dos professores está presente a descoberta da capacidade das peças com S.D poder manter um relacionamento amoroso, poder ter a possibilidade de viver uma vida a dois, a possibilidade de sair, frequentar festas, trabalharem, terem um vida “normal”, como vemos nos excertos a seguir.

P24 – Eu também não sabia que peças com Síndrome de Down namoravam e tem uma vida normal como as nossas. Essa aula quebrou muitos paradigmas.

P27 – Assim, as peças com Síndrome de Down podem se relacionar amorosamente. Podem construir laços, vínculos, ter família e serem sobremaneira independentes. Ser independente no sentido de poder sair sozinho, ir a festas, reuniões, trabalharem, serem iguais. É algo que todos queremos com ou sem deficiência. O que é preciso que aconteça é que as peças com deficiência sejam tratadas como as peças sem deficiência. Que sejam incluídas na sociedade e que possam ser ensinadas assim como as demais.

P39 – Não vou negar, antes de conhecer um pouco sobre essa temática, tinha muitas dúvidas e questionamentos. Tinha dificuldades de enxergar esses jovens namorando, casando. Não por preconceito, mas de achar que eles teriam que ser protegidos. Depois do curso tudo começou a ficar mais claro e percebi uma expectativa vida normal; dentro das limitações que a deficiência permite.

Diante disso, percebemos que as vivências no curso possibilitaram aos professores compreender que as pessoas com deficiência intelectual possuem as mesmas necessidades que as pessoas ditais normais, ou seja, que essas pessoas podem construir laços afetivos e viver uma vida plena em todos os sentidos. Sobre isso, Denari (2006, p. 203) afirma que as pessoas com deficiência intelectual manifestam “afetividade, experimentam uma série de vivências amorosas, de alegria, de confiança, de tristeza, de raiva; sentimentos estes comuns a todas as demais pessoas”.

8.3. A maternidade na síndrome de Down

Os educadores indicam ainda que possuem dúvidas sobre as questões relacionadas a maternidade para mulheres que possuem a Síndrome de Down, principalmente no que diz respeito aos cuidados e a educação dos filhos.

P29 – Achei interessante a questão da sexualidade, pois cresci ouvindo que as crianças com deficiência tinham a sexualidade exacerbada e me surpreendi com o vídeo em que uma Down se torna mãe. Mas veio a dúvida, será que ela vai ter condições e saberá cuidar dessa criança sozinha? E na parte da educação? Como será para ela? Diante dessas dúvidas vou em busca de mais informações e me aprofundar mais nesse assunto. Sinto que o preconceito e os estereótipos estão bem latentes em mim. Preciso mudar isso!!! Urgente!!!

P34 –. O que hoje mexeu emocionalmente comigo na aula foi o vídeo da Cíntia, uma mãe com síndrome de Down. O vídeo mostra que ela rompe barreiras tentando acompanhar o desenvolvimento do filho que não tem deficiência.

Acreditamos que essa dificuldade dos professores de compreender a maternidade de mulheres com síndrome de Down, se deve, sobretudo, ao fato das mulheres com essa síndrome não se encaixarem numa representação ou no modelo de mãe ideal devido às próprias limitações decorrentes do déficit intelectual. Ademais, em consonância com Goellner (2000), consideramos que as dificuldades dos docentes são também produto de uma representação cultural de que mulheres com Síndrome de Down não corresponderia aos padrões preconizados pela sociedade atual como um corpo ideal de mulher capaz de gerar filhos e cuidar dos mesmos. Afinal, na sociedade atual, “ser feminina é ser, também, saudável e bela, para cumprir os desígnios de seu sexo: casamento e procriação” (GOELLNER, 2000, p.85).

8.4. A importância do trabalho de orientação sexual para pessoas com síndrome de Down

A narrativa dos docentes aponta para o entendimento de que a sexualidade das pessoas com síndrome de Down acontece de maneira natural, contudo, salientam a importância de que essas pessoas recebam orientação sexual e de que lhe sejam ensinadas as regras sociais.

P37 – A sexualidade foi um tema que me deixou um pouco inquieta, pois antes de realizar a leitura dos textos e ouvir as explicações da professora, eu nunca tinha parado para pensar na vida sexual de um Síndrome de Down e vejo o quanto é natural esses acontecimentos, porém eles necessitam ser orientados como todos nós somos.

P31 – Hoje foi o meu primeiro dia de curso e o que mais me chamou a atenção foi em relação a construção social, cultural que temos em relação a pessoas com deficiência. O fato que me marcou hoje foi de perceber que as pessoas com deficiência participam do mesmo mundo que os ditos normais, e que as regras, a moral e ética também é algo que deve ser ensinado a elas. Não é porque a pessoa tem uma deficiência intelectual que não esteja restrita e privada de aprender as normas e regras da sociedade. Tudo é uma questão cultural e que temos que nos movimentar para que haja a desconstrução de que eles não participam ativamente do mundo.

Maia (2010), destaca que muitas vezes não se estimulam os programas de educação e orientação sexual, por se entender que não é necessário falar de sexo para pessoas que são assexuadas ou por outro lado, que falar sobre sexo pode estimular a prática sexual, aumentando as chances de ocorrerem relações sexuais.

No entanto, Couwenhoven (2007 *apud* Maia, 2014) salienta que o trabalho de educação sexual com pessoas com deficiência intelectual é possível e pode ter resultados satisfatórios. O autor, ressalta ainda que muitos jovens tem curiosidades e motivações para aprender sobre essas questões, sendo que muitos mostram capacidade de refletir sobre o assunto e desejam ter relacionamentos amorosos e/ou sexuais.

Em relação a educação sexual, Denari (2006) afirma que um dos grandes méritos de oferecer educação sexual as pessoas com deficiência refere-se ao fato de deixá-las aprender a exprimir e a controlar a sua sexualidade, podendo usufruir da convivência social e afetiva com seus pares. A autora destaca ainda a importância de apoiar essas pessoas através de programas específicos que tenham como base o reconhecimento da realidade da pessoa com deficiência intelectual, que considere “sua dignidade intrínseca, de sua condição de sujeito no mundo, de fim, e não meramente de meio” (DENARI, 2006, p.202)

8.5. O despreparo do professor para lidar com a sexualidade das pessoas com deficiência

É interessante constatar que os professores sentem-se despreparados para lidar com a sexualidade das pessoas com deficiência, considerando que esse despreparo é proveniente de uma visão estereotipada que impossibilita o desenvolvimento desses sujeitos.

P41 – O que conseguir observar em relação ao que foi demonstrado nesta aula é o quanto nós professores somos socialmente despreparados em relação a sexualidade de uma pessoa com necessidades especiais, que o nosso olhar é que traz ou não os obstáculos. De fato existe uma visão estereotipada que ao rotular limita e até impossibilita o desenvolvimento de um indivíduo com deficiência no caso específico em que estamos aprendendo a Síndrome de Down. Achei muito interessante observar que a forma que a família lida com a situação têm um papel fundamental no desenvolvimento da pessoa com deficiência intelectual.

Sobre isso, Prioste (2010) afirma que os professores não se sentem preparados para trabalhar com a sexualidade de seus alunos, mesmo tendo conhecimento da orientação sexual como um dos temas interdisciplinares a serem abordados em sala de aula, sendo assim, a temática ainda continua sendo um desafio para os educadores.

Nesse sentido, Heighway e Webster (2008 *apud* Maia, 2014) salientam que muitos professores não sabem como oferecer educação sexual a população de pessoas com deficiência, sendo assim, diante da falta de educação sexual e poucos esclarecimentos, as pessoas com deficiência intelectual podem ser facilmente manipuladas pelos outros, além de ter inabilidade para expressar seus sentimentos sexuais. As autoras salientam

ainda que é importante oferecer educação sexual para pessoas com deficiência intelectual, uma vez que a sexualidade é uma necessidade essencial do ser humano.

Considerações finais

Nas narrativas dos professores acerca da sexualidade da pessoa com Síndrome de Down, foi possível identificar a existência de muitos mitos e estereótipos a respeito dessa questão, destacando-se a representação de que esses sujeitos teriam uma sexualidade exacerbada ou que seriam para sempre eternas crianças, incapazes de exercer a sua sexualidade.

Contudo, o que se percebe é que o curso de formação continuada “cultura digidown” contribuiu de maneira significativa para desconstruir muitos desses estereótipos, para desestabilizar as certezas a respeito da sexualidade das pessoas com deficiência intelectual e mais ainda para problematizar a importância do envolvimento dos professores no sentido de promover a educação sexual para pessoas com deficiência em suas salas de aula.

Diante dos dados revelados na pesquisa e considerando os princípios de uma educação inclusiva, entendemos ser imprescindível incluir a discussão ou o debate sobre a educação sexual de pessoas com deficiência nos programas dos cursos de formação inicial e continuada de professores. Acreditamos, que num momento em que se fala tanto de inclusão, em que se salienta a inclusão como forma de transposição de barreiras sociais e segregadoras, em que se discute a importância de uma sociedade que considera todos os seus membros como cidadãos legítimos, em que se discute a questão da diferença, a problematização a respeito da sexualidade é oportuna e necessária.

Ademais, essa formação é necessária para que os professores sejam também capacitados para trabalhar com programas de educação sexual para pessoas com deficiência intelectual. Nesse sentido, acreditamos que na formação não basta apenas mobilizar saberes que desconstruam estereótipos ou mitos a respeito da sexualidade, mas é imprescindível que sejam apresentados aos docentes os procedimentos básicos para desenvolver programas de educação sexual que garantam aos sujeitos com deficiência intelectual o acesso a informação, possibilitando aos mesmos uma inclusão plena em todos os aspectos e minimizando ou reduzindo os riscos de vulnerabilidade.

Diante da realidade investigada, compreendemos que há uma necessidade premente de formação continuada para os professores e demais educadores que trabalham na escola com as pessoas com deficiência intelectual. Embora não existam receitas ou manuais a serem seguidos, acreditamos que o programa de formação do curso “Cultura Digidown”, pode contribuir para se repensar ou para se construir propostas de formação que abordem a questão da sexualidade dos estudantes com Síndrome de Down.

A partir do exposto, podemos afirmar que o processo de mudança, instaurado com a propostas da inclusão escolar, aponta para o estabelecimento de ações ou de propostas de formação continuada que abordem a questão da sexualidade, contribuindo para desconstruir barreiras atitudinais e estereótipos a respeito dos estudantes com deficiência intelectual.

Referências

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

DALL'ALBA, L. *Sexualidade e deficiência mental: Concepção do Professor*. 1991. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

DENARI, F. E. Adolescência e deficiência mental: desvelando aspectos da afetividade e sexualidade. In: MARTINS, L.A.R et al (Orgs). *Inclusão: compartilhando saberes*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

GOELLNER, S.V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 28-29.

MAIA, A. C. B. Reflexões sobre a educação sexual da pessoa com deficiência. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v.7 , n. 1. 2001.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 16, n. 2. maio/ago. 2010.

MAIA, A. C. B. Educação sexual para pessoas com deficiência intelectual. In: ALMEIDA, M. A; MENDES, E. G. (Org.). *A escola e o público-alvo da Educação Especial: apontamentos atuais*. São Carlos, SP: Marquezine & Manzini-ABPEE, 2014.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 6.ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1999.

PINHEIRO, S. N. S. Sexualidade e deficiência mental: revisitando pesquisas. *Revista Psicologia Escolar e Educacional*, v. 8, n. 2. 2004. p. 199-206.

PINEL, A. A restauração da Vênus de milo: dos mitos à realidade sexual da pessoa deficiente. In: RIBEIRO, Marcos. (Org.). *Educação sexual: novas ideias, novas conquistas*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1999. p. 307-325.

PRIOSTE, C.; RAIÇA, D.; MACHADO, M. L. G. *Dez questões sobre a educação inclusiva da pessoa com deficiência mental*. São Paulo: Avercamp, 2006.

PRIOSTE, C. D. *Educação inclusiva e sexualidade na escola: Relato de caso*. *Estilos da Clínica*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 14-25, 2010.

recebido em 17 ago. 2017 / aprovado em 26 set. 2017

Para referenciar este texto:

VIEIRA, D. B.; OLIVEIRA, A. F. T. M.; DÉA, V. H. S. D. A formação continuada cultura digidown e a construção dos saberes sobre a sexualidade das pessoas com síndrome de down. *Cadernos de pós-graduação*, São Paulo, v. 16, n.2, p. 99-120, jul./dez. 2017.